

## “O Retorno” de Dulce Maria Cardoso: Um romance que rompe o silêncio

Sendo um dos últimos ainda subsistentes, também o Império colonial português cai em 1975. Angola consegue através da luta a sua independência, entra em guerra civil, os cidadãos de nacionalidade portuguesa veem-se obrigados a partir. Algumas peças de bagagem ficam abandonadas no aeroporto de Luanda, porque já não há pessoal de terra. (Foto: AP)



*De Karin Janker*

*Süddeutsche Zeitung, 27 maio 2021*

**“O Retorno” despoletou em Portugal um debate sobre a história colonial. Nele, Dulce Maria Cardoso narra o processo de crescimento de um homem num mundo cheio de racismo e violência.**

Quando o pai pega numa faca e começa a estripar as flores bordadas da toalha de mesa, é tarde demais. A mãe, que pela própria mão bordou o pano quando era menina, ainda ergue a mão, mas não o detém. Afinal para quê? Também já não há volta a dar. O pai solta fio por fio, “como se houvesse uma maneira certa de rasgar as dalias e o pai a tivesse aprendido tão bem como a mãe aprendeu a bordá-las”. Como uma ameaça, a faca comprida detém-se “na mão grande e furiosa do pai”.

Será a última vez que a família reunida se sentará a esta mesa de jantar. O Rui de 15 anos, a irmã Milucha, a mãe adoentada e o pai com a sua faca. Depois desta última refeição, irão abandonar a casa no meio do calor húmido de Angola. Em breve virão outras pessoas invadir a sua morada, e é por causa delas que o pai retalha a toalha da mesa: “Não fica cá nada”, diz ele, “eles não merecem nada”. “Eles” são os africanos, os negros, ele chama-lhes “pretos”, uma palavra ainda pior que a alemã começada por N[eger]. O pai não lhes quer deixar seja o que for, até o cão mata, para eles não ficarem com ele. Toda a sua vida trabalhou por uma vida aqui. E agora eles dizem que esteve a explorar uma terra estrangeira e que devia era voltar para a terra dele.

É o ano de 1974. Em Portugal, militares de esquerda levam a cabo um golpe de Estado contra a ditadura do Estado Novo. Com ele, cai também o Império colonial português. Um

dos últimos estados do mundo a fazê-lo, Portugal liberta as colónias para a independência. Angola precipita-se numa fase de conflitos armados entre vários movimentos de libertação em luta pelo poder. Uma coisa é clara: o tempo dos senhores coloniais brancos acabou. Rui e a sua irmã tiveram de abandonar a terra em que nasceram, os seus pais a terra em que, com muito esforço, tinham construído a sua prosperidade. “Angola acabou, kaputt, o café, o algodão, o sisal, o óleo de palma, os diamantes, o petróleo, kaputt, acabou tudo.”

### **Rui não quer ser agente de crime nem vítima, e afinal é as duas coisas**

A escritora Dulce Maria Cardoso, que se conta entre as vozes literárias mais importantes de Portugal, narra no seu romance “O Retorno” um trecho de história colonial da perspectiva de um adolescente que parece ignorar que pertence ao grupo dos opressores. Com o fim do Império português, Rui é obrigado a imigrar para um país em que nunca esteve. A sua vinda, na realidade, não é um regresso. Portugal discute até hoje a questão de saber se as pessoas vindas das colónias são “retornados ou refugiados”. Trata-se igualmente da questão de saber se eles são agentes de crime ou vítimas, e de quem é que o decide. O romance não profere a sentença. Faz parte de uma literatura que não julga, mas é criadora de empatia – mesmo com aqueles que são incapazes de compaixão.

Rui não quer ser agente de crime nem vítima. E afinal é as duas coisas. Os filhos dos colonialistas tornaram-se cúmplices e foram simultaneamente também vítimas do regime colonial. Através do olhar deste protagonista, a autora expõe um trauma coletivo já quase ausente na Europa, apesar dos ainda escassos 50 anos passados. Rui só conhece Portugal das aulas que teve na escola. E, contudo, chama-lhe “metrópole”, terra-mãe. Na escola ensinaram-lhe que Portugal é um Império “do Minho a Timor”. “E só não nos ensinaram o mais importante, que a metrópole muda as pessoas.” Rui perde a sua inocência em múltiplos aspetos nos primeiros meses que passa em Portugal, tempo em que receia pela vida do pai que ficou para trás em Angola.

Aqui, de um momento para o outro, Rui faz parte dos perdedores. Retornados como ele reconhecem-se logo, são “gente triste com camisolas de borboto. Borboto é outra palavra nova que dizemos muitas vezes, as camisolas que nos dão nos sítios da roupa têm sempre borbotos”. A tradução alemã de Steven Uhly, que de forma excelente preserva a linguagem simples bem como impactante do original, mantém algumas palavras portuguesas, algumas delas remetidas para notas de rodapé. O efeito desta meticulosidade é uma faca de dois gumes: as notas de rodapé criam distância relativamente ao narrador, o que o texto em si não propõe, mas, por outro lado, permite um colorido de linguagem que é decisivo para o romance de Dulce Maria Cardoso. Porque a experiência da terra estranha Rui também a vive através da língua e sente-a, por exemplo, naquele sibilar que nos portugueses europeus é mais acentuado que nos das colónias. A língua é também o lugar onde Rui busca a sua identidade, através dela eleva-se acima de outros, os “pretos”: “Os cabrões de merda nem sabem falar, vámu matáti cum tuá arma e tuá bála.”

A forma de apresentação da violência em Dulce Maria Cardoso é subtil, mas não é menos brutal. O romance não conhece nenhum esquema simplista de mal e de bem, facto que se fica a dever à sua personagem principal. Com grande proximidade, a autora narra a oscilação de Rui entre a ingenuidade infantil e as obsessões de masculinidade da cultura em que cresceu. A narrativa acompanha-o na fuga de Angola num dos últimos aviões, acabando a viagem com a irmã e a mãe a dar entrada num hotel de cinco estrelas, em que os retornados são atendidos de modo bizarro e não podem usar a piscina. “Sei perfeitamente que não viviam na selva”, diz a diretora do hotel, mas quer dizer o contrário.

Os hotéis são um gesto de misericórdia do Estado, que se envergonha dos seus antigos colonos. Uma vergonha que também a irmã de Rui sente, quando faz fila na cantina da escola para receber uma refeição grátis, vestindo peças de roupa que excedem o seu número e mostrando o cartão amarelo de identificação de retornados. Rui, pelo contrário, mantém longe de si a vergonha com a sobranceria do rebelde. Nem sequer vai mais à escola, desde que “a puta da professora” disse “um dos retornados que responda, como se não tivéssemos nome”.

No tempo em que decorre o romance, o pó da história ainda não tinha pousado, nada estava ainda arrumado. Questões sobre culpa e vergonha, sobre direito e identidade estão ainda em cru e abertas. Impiedosamente ingénua, a voz do eu-narrador guia-nos através da catástrofe que se abate sobre estas vidas. A perspetiva limitada de Rui confere ao romance uma proximidade sem mediação. Ele nada mais conhece do que a vida em Angola, onde seu pai dissera a um negro: “Dou-te o dobro do que vales, para que transformes este rapaz um homem.” Aqui não existe qualquer instância sentenciadora, nada que proteja a leitora ou o leitor das injustiças que se amontoam.

“O Retorno” saiu logo em 2011, sendo escolhido como livro do ano logo após a publicação. O romance rompeu com um silêncio existente. Já antes tinha havido romances sobre a história colonial, mas sobre os retornados continuava a existir um tabu. Portugal viveu muito tempo na ilusão de que tinha havido um corte limpo entre o passado colonial e o presente. Das histórias dos retornados pode depreender-se que um tal corte é impossível. Elas são o eco de um passado sombrio. Raramente este passado emergiu de forma tão violenta como no último verão, quando o ator negro Bruno Candé, de 39 anos, foi morto a tiro no meio da rua por um retornados das colónias. Um crime de ódio racial, que expôs perante a sociedade portuguesa as suas feridas abertas.

Dulce Maria Cardoso trabalha em “O Retorno” uma parte da sua própria biografia. Foi a busca da sua identidade que, em última análise, fez dela escritora, disse ela uma vez. Ela própria cresceu em Angola e veio para Portugal com onze anos no meio dos 500 000 retornados. Quando escreveu “O Retorno, colocou-se de novo na situação de se sentir em terra estranha: escreveu o romance quase totalmente em Bamberg, na Francónia, onde usufruía de uma bolsa artística da Villa Concordia. Terra estranha confortável, é verdade.

Mas quando deixa de ouvir português, modifica-se a sua relação com as palavras, disse a autora, acrescentando a seguir: “Enquanto escrevia ‘O Retorno’, queria reviver a sensação de não-pertença.”

Só que em 1975 a situação tinha sido totalmente diferente. Nessa altura, não havia qualquer possibilidade de regressar de novo a casa. “Vivemos na certeza de que as terras onde enterramos os nossos mortos será nossa para sempre e que também nunca faltará aos nossos filhos a terra onde os fizemos nascer, vivemos nessa certeza porque nunca pensamos que a terra pode morrer-nos”, diz um retornado a Rui. “O Retorno” é um romance sobre esta perda do torrão natal, e com essa perda todas as certezas desaparecem. É também um romance sobre o processo de crescimento. É uma impressionante obra de arte sobre um pedaço de história contemporânea.

*Tradução: Aires Graça*